

INTERNET E ADOLESCÊNCIA

NOVAS TECNOLOGIAS EXIGEM ATITUDE COLABORATIVA,
DIÁLOGO E APRENDIZADO MÚTUO

FEVEREIRO DE 2017

Vazamento de mensagens íntimas, preconceito e intolerância são situações vivenciadas por todos os que se aventuram na internet, inclusive adolescentes. Nessa fase da vida, marcada pela construção da identidade, capacidade de interação e conquista de autonomia, se envolver como agente ou vítima em casos de humilhação, ofensas, ameaças ou discursos de ódio e intolerância tem um grande impacto no desenvolvimento do indivíduo.

Valorizando o papel da escola como espaço privilegiado de aprendizado e desenvolvimento integral de adolescentes, este material apresenta dados de pesquisas e enquetes sobre o uso da internet e aponta recomendações para que os educadores desempenhem com segurança a sua responsabilidade pela formação de cidadãos no mundo contemporâneo.

Para isso, é fundamental compreender a adolescência como uma fase de oportunidades e dialogar com esse sujeito capaz, ativo e conectado, que constrói narrativas sobre sua vivência e seu mundo. Isso requer uma postura mais colaborativa e menos autoritária dos educadores e adultos em geral. Juntos e com muito diálogo, adultos e ado-

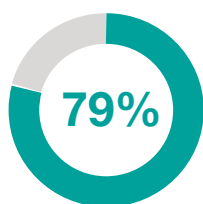
lescentes podem pesquisar caminhos e elaborar estratégias de segurança na internet, constantemente revistas e atualizadas.

Para abrir um canal de diálogo com o adolescente, os adultos devem se guiar por um interesse genuíno em tentar entender o seu universo, sua atitude e as novidades de sua vida. Os educadores atuam, portanto, como mediadores, reconhecendo que são os jovens que conduzem o processo que os envolve e os transforma.

“É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor...”

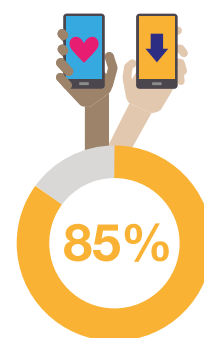
ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ECA) – ART. 18

O Brasil tem hoje **23,4 milhões** de crianças e adolescentes de 9 a 17 anos usuários da internet.



da população nessa faixa etária

O acesso se dá essencialmente de maneira autônoma, sem mediação, por meio do **celular**.



A maioria utiliza a internet para navegar nas redes sociais e trocar mensagens instantâneas.

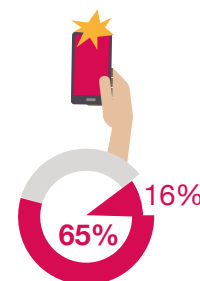


Situações de discriminação na internet foram vistas por 9,3 milhões de meninos e meninas.



FONTE: CETIC.BR, 2016/TIC KIDS ONLINE 2015

A violência de gênero também se reproduz no mundo virtual. O vazamento de “nudes”, sem consentimento, é o 2º tópico mais frequente no Canal de Ajuda da SaferNet, apesar de uma queda de 322 casos em 2015 para 301 em 2016. A maioria envolveu vítimas do sexo feminino, das quais 16% eram adolescentes de até 17 anos.



O QUE É?

Ciberbullying

Humilhação, intimidação, ofensa e ameaça por meio da Internet. Ciberbullying foi o tipo de violência com maior número de denúncias no Canal de Ajuda da SaferNet em 2016, com 312 registros, sendo a maioria (75%) das vítimas do sexo feminino, o que levanta a questão de gênero como motivação para a violência.

Mandar nudes

Troca de imagens íntimas. “Manda nudes” tornou-se uma expressão popular para pedir imagens sexualmente provocantes. O problema a ser debatido não envolve o moralismo de apontar se tal atitude é certa ou errada, mas sim a responsabilidade de quem “vaza” imagens e textos íntimos (sexting) sem a autorização de quem os enviou originalmente confiando que haveria privacidade.

Pornografia de vingança

Divulgar imagem íntima de antiga(o) parceira(o), sem autorização, após término do relacionamento.

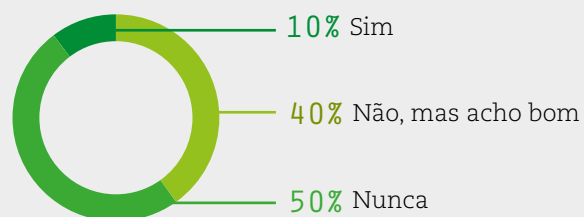
■ Violência de gênero

Incidência de atos violentos em função do gênero da vítima. Grande parte dos casos de violência online denunciados no canal da SaferNet referem-se à violência contra a mulher. O debate sobre a violência de gênero pode motivar a reflexão sobre o respeito à diversidade sexual e de gênero, com propostas de ações contra a LGBTfobia

VOZ DOS ADOLESCENTES

Confira os resultados das enquetes do U-Report Brasil, plataforma de consulta a adolescentes e jovens sobre seus direitos. Os resultados estão disponíveis em www.ureportbrasil.org.br e podem ser usados como motivadores de debates em sala de aula.

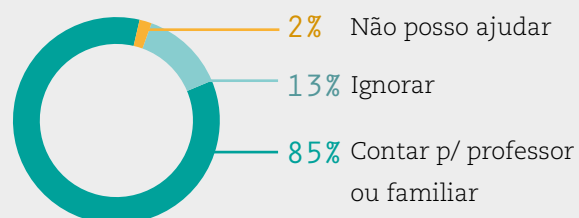
Sua escola já fez alguma atividade sobre privacidade online?



ENQUETE SOBRE PRIVACIDADE ONLINE DE DEZEMBRO DE 2016 COM 625 RESPOSTAS

90% das respostas indicam que as escolas nunca realizaram atividades para discutir o tema da privacidade na internet.

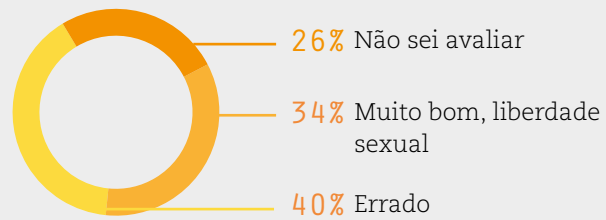
Se seu amigx recebesse msgs ofensivas você aconselharia?



ENQUETE SOBRE CIBERBULLYING DE JULHO DE 2016 COM 261 RESPOSTAS

Professores e familiares são reconhecidos como pessoas a quem recorrer em casos de ofensas na internet por 85% dos respondentes.

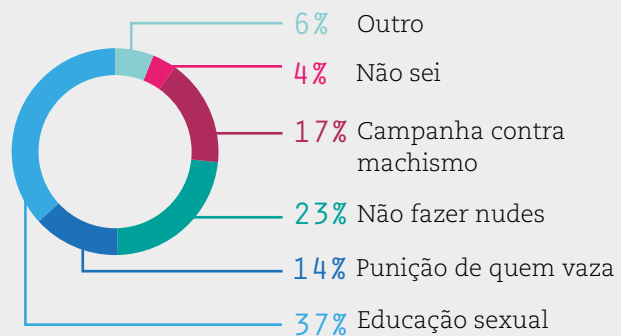
Ah, os nudes... Pra vc, compartilhar imagens íntimas pela internet é...



ENQUETE SOBRE NUDES DE SETEMBRO DE 2016 COM 678 RESPOSTAS

As opiniões se dividem em relação aos nudes (troca de imagens íntimas). Enquanto 40% das respostas condenam a prática, 34% a consideram uma expressão da liberdade sexual. O tema pode gerar um debate interessante sobre normas sociais que reproduzem a desigualdade de gênero, uma vez que as consequências sobre vazamento de nudes costumam ser mais graves para as meninas. Enviar conteúdo íntimo é uma escolha, mas compartilhar sem o consentimento de quem mandou pode se configurar como crime. Será que os adolescentes sabem a quem recorrer nessa situação?

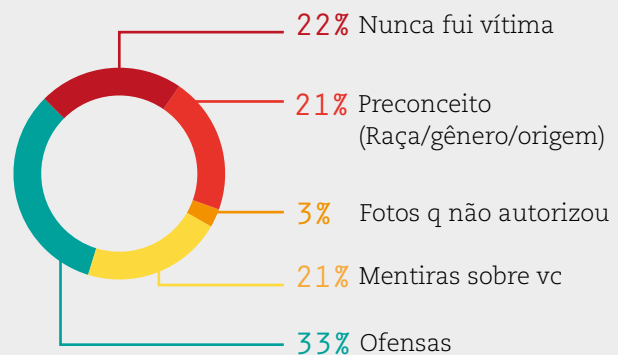
Como evitar o vazamento de nudes?



ENQUETE SOBRE NUDES DE SETEMBRO DE 2016 COM 367 RESPOSTAS

Educação sexual é citada em 37% das respostas como estratégia para prevenir o vazamento de nudes. As escolas têm espaço para diálogo sobre sexualidade?

Que tipo de violência você já sofreu?

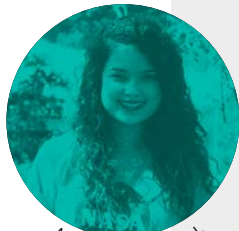


ENQUETE SOBRE CIBERBULLYING DE JULHO DE 2016 COM 268 RESPOSTAS

78% sofreram violência na internet. Ofensas (33%), preconceito (21%) e mentiras (21%) foram os tipos mais comuns. Com quem os adolescentes conversam sobre possíveis causas e consequências dessa violência?

EXEMPLOS DE EDUCAÇÃO INOVADORA

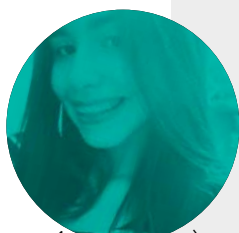
■ Seja você mesmo



Exagerar nas gírias, tentando falar como os adolescentes pode soar artificial. Adote uma postura mais horizontal e menos autoritária, aberta a aprender com a trajetória dos adolescentes e buscar - junto com eles - conhecimento e caminhos sobre como evitar riscos e se livrar de situações indesejadas.

KIMBERLY ANASTACIO, MESTRANDA EM CIÊNCIA POLÍTICA PELA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA E INTEGRANTE DO OBSERVATÓRIO DA JUVENTUDE, MULTIPLICADORA DA SAFERNET.

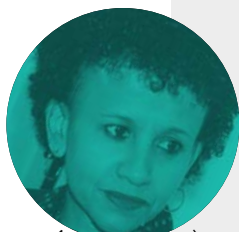
■ De adolescente para adolescente



“Tive a ideia de percorrer as escolas com cartazes que alertavam sobre os perigos de compartilhar material íntimo. Foi muito bom debater o assunto com outros jovens e também com os professores. Geralmente, não conversamos sobre esse tema na escola, no dia-a-dia da relação entre professores e alunos. Então, foi bom realizar esse debate. Os jovens são maioria na internet, precisamos trocar informações sobre o assunto”.

ALANIS VALENTIM DOS SANTOS, 13 ANOS, UMA DAS VENCEDORAS DO #GERAÇÃO DIGITAL - ADOLESCENTES SEGUROS NA WEB, PROJETO DO GOOGLE QUE PROMOVE SEGURANÇA NA INTERNET ENTRE ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS, IMPLEMENTADO NO BRASIL EM PARCERIA COM A VIRAÇÃO, A SAFERNET E O UNICEF.

■ Educação para o mundo contemporâneo



“Peguei situações que estavam acontecendo cada vez mais na escola — desde a amiga que publica a foto íntima de outra sem o consentimento ao namorado que grava uma transa e depois joga na internet — transformei em sete narrativas, distribuí entre grupos de alunos do 9º ano, que são os mais velhos e conseqüentemente os formadores de opinião - e iniciamos a discussão. A partir disso, propus que os jovens construíssem algum material que pudesse servir de orientação para os estudantes do 6º, 7º e 8º ano.

Os adolescentes têm que ter um papel ativo, porque por mais que os professores se esforcem para falar sobre o cyberbullying, por exemplo, os próprios alunos fazem isso melhor do que ninguém. Muitos educadores não têm pensamento crítico sobre as possíveis consequências das atitudes dos estudantes na web. O trabalho dos professores e gestores da educação tem de ser constante no sentido de dar suporte aos jovens e aos demais responsáveis por sua formação. É preciso eliminar a concepção de que escolas são ambientes apenas para o aprendizado de matérias que constam no currículo. As redes sociais estão tomando o lugar de formação que as escolas deveriam ocupar”.

GINA VIEIRA PONTE, PROFESSORA DO ENSINO BÁSICO DO DF.

Engajamento



“O caminho para transformar a web em um ambiente cada vez mais seguro é engajar diretamente os adolescentes, até porque eles são atores envolvidos na construção da Internet. São usuários mais intensos e a contribuição deles, com conteúdos, inovações e uso crítico, é essencial para o que será a Internet em um futuro próximo. O desafio dos educadores é estimular a reflexão sobre autocuidado para que os alunos possam ter melhores condições de exercerem suas liberdades com responsabilidade e segurança, dentro e fora da Internet.”

RODRIGO NEJM, DIRETOR DE EDUCAÇÃO DA SAFERNET, PSICÓLOGO
PESQUISADOR PPGSI/UFBA

Plano Antibullying



“Antes do curso, a gente desconhecia a questão do sexting, por exemplo. A Paraíba está começando agora com a elaboração, em andamento, de um Plano Estadual de Combate ao Bullying, que inclui a discussão sobre o cyberbullying. É uma questão de saber do que se trata, porque muitas vezes o educador sabe que aquilo existe, mas não com o nome específico. Os jovens nos ajudam a abrir os olhos para o problema”.

ANTONIO MANOEL DA SILVA NETO, TÉCNICO DO NÚCLEO DE EDUCAÇÃO DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DA PARAÍBA, PARTICIPANTE DO CURSO DE SEGURANÇA NA INTERNET, OFERECIDO PELA SAFERNET, MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL (MPF), E COMITÊ GESTOR DA INTERNET (CGI) EM 2016.



RECOMENDAÇÕES PARA PROMOVER A SEGURANÇA NA INTERNET ENTRE ADOLESCENTES



■ Conte com o apoio de adolescentes para traçar estratégias de implementação da lei antibullying em sua escola. A lei 13.185, que já está em vigor desde 2016, criou o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (bullying), que deve ser debatido e colocado em prática pelas instituições de ensino de maneira participativa.

■ Discuta a consequência de atitudes positivas e negativas na internet ao longo da vida dos estudantes. Que memória virtual os adolescentes querem construir? A internet é como uma grande praça pública. Atitudes ofensivas não são toleradas na interação pessoal. Por que seriam em ambientes virtuais? A internet não é terra sem lei. Mais sobre as consequências de ações ofensivas na rede em safernet.org.br.

■ Aposte na educação entre pares. Adolescentes possuem uma ampla capacidade de mobilização e comunicação. Ao criar um centro de ajuda anti-bullying, por exemplo, os estudantes não somente devem ser chamados para construir essas ferramentas, como também devem ter responsabilidade real sobre elas, agindo como partícipes e não apenas beneficiários.

■ Fuja das lições de moral. Uma lista de proibições seria facilmente burlável. No lugar delas, construa com os estudantes a noção de autocuidado e cuidado com os outros, alertando para consequências emocionais e responsabilidades legais.

■ Uma abordagem excessivamente paternalista peca por não reconhecer nos próprios adolescen-

tes os principais agentes de mudança para enfrentar o bullying e suas facetas na Internet.

■ Valorize a trajetória dos adolescentes, suas vivências e sua capacidade de identificar quais aspectos precisam ser mudados e quais os caminhos para promover essa mudança.

■ Proteger adolescentes em sua fase de desenvolvimento é responsabilidade de todos - governos, ativistas, escolas, famílias - mas também das empresas que desenvolvem plataformas e aplicativos. Discutir o uso da Internet como ferramenta de propagação do bullying é também discutir a responsabilização das plataformas na educação para uso responsável das ferramentas, incluindo recursos de segurança e denúncias disponíveis.

■ A web é a extensão da vida social, ambiente do cotidiano dos jovens, que estão o tempo todo conectados, consultando as páginas digitais, às vezes mais do que as páginas dos livros didáticos. A escola não pode silenciar os estudantes enquanto as redes sociais dão voz a eles. Portanto, se os educadores não levam para as salas de aula este debate, ao invés de moralismos e proibições, o jovem fica somente com o discurso, por vezes equivocado, do que ele vê no mundo aberto das redes sociais, perdendo o contraponto que deveria ter na fala de um professor, por exemplo.

■ Pais, professores e outros adultos de referência têm um papel fundamental para garantir a proteção de crianças e adolescentes, inclusive no ambiente virtual. Entretanto, isso deve ser feito sem

prejudicar o seu direito à participação. Certo nível de aventura faz parte do processo de aprendizagem. Riscos e oportunidades precisam ser equilibrados. Ao navegar, produzir conteúdo, interagir e acessar conhecimento, adolescentes desenvolvem resiliência diante dos riscos.

■ Atitudes proibitivas ou excessivamente restritivas vão na direção contrária à liberdade de expressão, garantida pela Convenção sobre os Direitos da Criança (Artigos 12 e 13), Estatuto da Criança e do Adolescente (Artigo 16) e Estatuto da Juventude (Artigo 26) e o direito à inclusão digital, previsto no Estatuto da Juventude (Artigo 7).

■ Os riscos podem ser reduzidos com informações sobre segurança na internet, redução do fluxo de informações pessoais disponibilizadas publicamente e um ambiente propício ao diálogo para o aprendizado mútuo sobre como driblar os riscos e procurar ajuda nos casos em que sentem-se vulneráveis.

■ As soluções devem ser construídas em negociação com os jovens, atores fundamentais no processo que busca o desenvolvimento seguro de um ambiente muito frequentado por eles, o virtual.

■ A ideia de que os adolescentes são “nativos digitais” e têm mais habilidade com as novas tecnologias não pode ser confundida com o seu nível de maturidade e conhecimento sobre direitos. É preciso respeitar a autonomia dos adolescentes e seu processo de aprendizagem inclusive em ambientes virtuais. Entretanto, é papel do adulto apoiar meninos e meninas em seu desenvolvimento, dialogando sobre o que acontece online ou offline, ponderando possíveis consequências e encontrando os caminhos para um uso saudável da rede.

■ Procure materiais que abordem o assunto na linguagem dos adolescentes para gerar debates sobre o tema. Vídeos e memes sobre cyberbullying, privacidade, relacionamentos online,

preconceito e intolerância na internet foram produzidos como parte de uma campanha do UNICEF com a participação de youtubers e estão disponíveis em www.internetsemvacilo.org.br. A SaferNet mantém cartilhas e um canal de ajuda disponíveis no site www.safernet.org.br. A equipe de atendimento é formada por psicólogos com treinamento adequado para atender, orientar e encaminhar denúncias, quando necessário, com respeito, anonimato e sigilo.

ANOTAÇÕES:

MATERIAL PRODUZIDO POR:

